

A REFORMA AGRÁRIA

Os monárquicos, simulando um grande susto, atacam a proposta de lei do sr. Ezequiel de Campos como se se tratasse da execução dum programa socialista. Para eles trata-se dum lei extremista, o mais radical que se possa conceber.

Caso curioso: nós, elementos mais avançados, não demos por isso. Pelo contrário, entendemos que o critério a que obedece essa lei é estritamente burguês e muito fora da nossa época.

A Roménia, país monárquico, resolveu a questão agrária dum maneira bem mais radical. Na Itália, país monárquico, a cedência das terras aos antigos combatentes da guerra teve um espírito muito menos conservador.

Não o ministro de agricultura não se deixou dominar pela ideologia revolucionária, conforme lho aponham. Lembrou-se, pelo contrário, que fazia parte dum governo de sua natureza burguesa e procede em harmonia com a sua situação.

Como se deixou ele arrastar pela ideologia revolucionária, se já antes da Revolução Francesa muitos dos homens que a impulsionaram pensaram em evitar o parcelamento do solo e o próprio Fourier com esse objectivo inventava o seu ingenuo sistema social dos Falansterios?

Pois não trata o sr. Ezequiel de Campos precisamente do contrário? Nos retalhos da grande propriedade em vez de atribuir, como era lógico, natural e dentro dos princípios modernos que erradamente lhe supõem, a posse das terras aos sindicatos de trabalhadores rurais, como é por exemplo do programa do partido republicano federalista espanhol, que é afinal um simples partido republicano?

A verdade é esta: na proposta do ministro da Agricultura nem sequer se fala da possibilidade de os sindicatos operários tomarem conta da produção agrícola e o único trabalho colectivo que permite é por conta de sindicatos agrícolas ou sociedades que venham com esse fim a constituir-se e nunca por período superior a 50 anos, não tendo direito de propriedade, o que estava bem, mas sendo obrigado a ceder o terreno a pequenos proprietários, o que está muito mal.

Os monárquicos, pois, atacando a proposta por excessivamente radicais ou não sabem o que dizem ou são mais reacionários ainda do que a gente os supunha. Não. O ministro da agricultura apenas se preocupou com a questão de produção e o que ele fez podia tê-lo feito qualquer monárquico bem intencionado muito afastado de nós e com uma pronunciada aversão por tudo quanto cheirasse a socialismo, sindicalismo e comunismo.

A questão das dívidas inter-aliadas

A imprensa de quase todos os países, que entraram na conflagração europeia, discute agora acaloradamente a questão das dívidas inter-aliadas.

A França deve à Inglaterra e aos Estados Unidos cerca de 100 milhões, que quer pagar em 90 anos, até 2015. A Bélgica, a Itália e outros países devem também às duas grandes potências anglo-saxónicas. A Inglaterra por sua vez, deve aos Estados Unidos.

Além a data têm dito os devedores que pagariam quando a Alemanha o fizer, mas os credores, apesar dessa promessa, começam a impacientar-se.

Por outro lado, a Inglaterra pretende que a Bélgica e a França realizaram fundos, com a ocupação do Ruhr, mas a França protesta contra tal afirmação.

Além disso, os Estados Unidos pedem a sua parte nas anuidades provenientes da execução do plano Dawes. A Inglaterra, apoiada pela França e pela Bélgica protesta, respondendo que a América pode pagar-se com os bens alemães, que se encontram sequestrados no seu território. Esta por sua vez contesta a este incitamento, dizendo que é muito respeitadora da propriedade privada, para pôr em prática uma tal medida.

No meio de tudo isto, a Alemanha, é natural, procura desembolsar o menos possível.

O que é certo é que ninguém desembolsará jamais o capital das dívidas enormes, cujos juros pesarão sobre as gerações dos trabalhadores.

Ser-nos hia muito grato defender os vendedores contra o lançamento de impostos, se não tivessemos a certeza de que isso de alguma forma beneficiaria o público, mas o que verificamos é que os vendedores do mercado da Graça, mesmo sem pagarem impostos, já roubam o consumidor o mais que podem, como fazem todos os outros.

MAIS UMA VEZ ALARES, COBEIRA E CEGONHAS

O povo do Rosmaninhal intru- jado pelos ricaços em quem confia

Mais uma vez, leitores, vem o assunto dos montes dos Alares, Cegonhas e Cobreira à tela da discussão.

Pessoas que conhecem de perto a questão, de passagem por Lisboa, encontraram-se casualmente connosco dando lugar a uma interessante conversa que não podemos deixar de citar publicamente.

Essa pessoa é insuspeita. Natural do Rosmaninhal, foi uma que a comégo não conhecendo a razão que assistiu aos povos dos montes, entrou com determinada quantidade para a compra dos terrenos em litígio.

Da conversa que sustentámos, durante mais de uma hora, depreendeu-se que, no meio de tudo isto, o povo do Rosmaninhal tem sido ludibriado pelos indivíduos que aí estavam.

Foram os grandes proprietários que, amparando possuir os vastos terrenos de Alares, Cobeira e Cegonhas influíram o povo do Rosmaninhal a realizar a maladada compra. Porém, esses proprietários apenas queriam servir-se do nome do povo para fazer um negócio que a eles só interessava.

Isto não viram os mais pobres daquela vila, motivo porque serviram de joguete inconstante nas mãos dos ricaços.

Quando alguém falou a um tal Manuel Badaxa — um dos espertos, um dos graúdos — nos interesses do povo que era preciso respeitar, visto que a compra havia sido feita em nome da população, esse Badaxa fez esta frase sintomática:

— ora, ora, o povo só des pessoas de que haja vinho e uma canasta de sardinhais.

Traduzida esta frase à letra, verifica-se que o critério desse cavalheiro era de que devia dar-se um osso a roer ao povo, enquanto des pessoas — os dez ricaços que queriam assinar, eles sómente, a escritura de compra — comiam as propriedades...

Vários factos se têm passado no Rosmaninhal que dão bem a nota da má-fé de os grandes proprietários usam para com os rosmarinheiros.

— Um aventureiro que lava o povo a cometer desmandos

Como a questão se tivesse complicado e os habitantes dos montes muito legitimamente se recusassem a abandonar as terras onde tida a vida trabalharam, surgiu um aventureiro, José de Moura Pinheiro, ricaço, proprietário importante, que se propôs resolver tudo se lhe dessem 400 contos.

Este cavalheiro, que praticou em Espanha várias esqueridas, habituado, não tinha em mira senão lucrá com uma questão que sabia muito bem não poderia resolver.

Confiando neste meneur, o povo obedeceu cegamente às suas ordens. Desde que ele armou em chefe, começaram os desmandos.

Um dia, José de Moura Pinheiro ordenou ao povo que fosse aos montes lavrar — e um grupo de exaltados lá foi lavrar as terras que os povos já tinham semeado. Mais tarde, José de Moura, sempre cegamente obedecido, ordenou ao povo que fosse ceifar o povo, julgando que ceifava para si, foi aos montes, estragou muito ceifou muito trigo — e José de Moura Pinheiro guardou o trigo...

O povo, além de colher inconscientemente o trigo que não lhe pertencia, foi entregar ao aventureiro o fruto do roubo, José de Moura Pinheiro, alegando que tinha feito muitas despezas com a questão, aferrohou em sua casa mais de 50 moços de trigo — e não o largou.

Depois abandonou a questão. Pudera, se ele sabia que a questão estava perdida e não tinha outra causa em mira senão intrair o povo como intruiu...

Um outro cavalheiro, dos grandes, um tal José Freixo, mais confiando pelo José Angeló, também se aposou de 7 moços de trigo, alegando que era para se pagar das despesas que fez "com papel, tinta e outras cousas que não se podem saber...".

O povo deixá-se emburrir por estes cavalheiros sem escrúpulos, praticando actos que só o prejudicam.

Se o povo do Rosmaninhal tivesse os olhos bem abertos em vez de guerrares os povos dos montes, lutaría contra os ricaços da sua terra — já teria muito que fazer.

E mais não nos disse a pessoa com quem conversámos.

Os vendedores do mercado da Graça

Este ontem na nossa redacção um numeroso grupo de vendedores e vendeiros do mercado da Graça, que era mercado livre e passou a mercado municipal, querendo-se de que, tendo pago até agora apenas o imposto de terrado, os avisaram de que teriam de pagar imposto de transacção e taxas fixa e anual, o que consideram desabrido.

Queixaram-se-nos também de, tendo ido uma comissão à Comissão de Finanças do 2.º bairro — São Vicente —, terem sido maltratados pelo cabo de polícia n.º 144 e por um funcionário da repartição, que os ameaçou de mandá-los correr do mercado por uma força de cavalaria da G. N. R. se não pagassem.

Ser-nos hia muito grato defender os vendedores contra o lançamento de impostos, se não tivessemos a certeza de que isso de alguma forma beneficiaria o público, mas o que verificamos é que os vendedores do mercado da Graça, mesmo sem pagarem impostos, já roubam o consumidor o mais que podem, como fazem todos os outros.

Um Congresso do Livre Pensamento

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro e a él deverão aderir todos os revolucionários sociais

A educação moral na família

IV

A curiosidade das crianças

30—A curiosidade "moral" da criança

A vida moral não é estranha à vida infantil.

As crianças observam-se entre si, desde muito cedo, e julgam-se suas suas atitudes, nos seus sentimentos, nas suas qualidades, nos seus defeitos, no seu carácter. Motetam e fazem troça. Actuam e defendem-se.

Também protegem os mais fracos que elas. Observam os pais, os professores, os jogos, os defeitos, as roupas, lhes não escapam; para se divertirem com isso, arremedá-los pela voz, pelos gestos ou mesmo pela caricatura.

São também curiosas de emoções, gostam de meter medo aos outros e, embora recorrendo ao medo, gostam também de sentir o estremecimento, o arrepiado do medo.

Dávem a sua insistência algumas vezes em pedirem e tornarem a pedir histórias terribéis. Esta curiosidade de selvagem que existe na criança, é preciso, pois, satisfazê-la com prudência e, às narrações em que o sangue corre, em que a violência impera, em que a crueldade mostra a sua horrível máscara, preferir o maravilhoso soridente ou mesmo fantástico, mais salutar para a imaginação infantil do que a rudeza das nossas origens, evocadas em histórias homicidas.

A criança faz sofrer ou vê sofrer com indiferença, e mesmo com um certo prazer. La Fontaine disse da infância: "esta idade é sem comiserção".

Há nela uma insensibilidade, uma espécie de inconsciência de que é preciso libertá-la o mais cedo possível.

Aproveitemos a curiosidade da criança em observar as plantas, os animais e os homens, para lhe fazer observar também que estes seres vivem como ela, e são sensíveis, que sentem a dor como ela a sente quando lhe batem ou a brutalizam. Não temos grandes dificuldades em fazer-lhe sentir que a sensibilidade nos seres humanos assim como na própria, vai além da sensação física como o frio, o calor, a dor, e que não deve causar pena a um único qualquer destes seres humanos, porque sabe já por experiência o que quer dizer sentir confranger-se o coração, mesmo quando não se leva pancada!

Reprimimos, no nosso filho, o prazer que ele sente com o sofrimento ou com o espetáculo dos defeitos ou das misérias dos outros; tememos, se preciso for, enérgicamente partido contra ele a favor do oprimido, animal, criança ou homem, e assim impressionaremos a sua alma, torná-lo-nos atencioso para com a fraqueza, solidária com os que sofrem e curioso, caridosamente curioso da vida moral do seu semelhante.

Tornar a criança curiosa do homem, do ser humano em carne e osso, que pensa, sente, padece, sofre, ama, sorri e ri, é torná-la curiosa e solidária daquele que tem face, cérebro e coração como ele, é prepará-la para ser curiosa de si própria e curiosa de seu irmão olhando-o na alma e interrogando-lhe o pensamento e o coração.

O aniversário do Partido Socialista

Na sessão comemorativa do aniversário do Partido Socialista, ontem realizada no centro de Alcântara, falaram Abílio Jerônimo, Eduardo Cardoso e Martins Santarém, que afirmaram que a frente única do operário princípio pelo respeito de umas organizações pelas outras, motivo porque o partido socialista não ataca e até defende a Confederação Geral do Trabalho.

A reacção governa a Alemanha

PARIS, 16.—A grande maioria da imprensa pôe em relevo o carácter reaccionário do novo gabinete alemão. (L.)

BRINCADEIRA FUNESTA

Uma morte e um suicídio

Na rua da Praia de Pedrouços, 102, r/c, residia com uma sua irmã o guarda cívico 304, da 5.ª esquadra, que tinha por costume brincar com esta apontando-lhe a pistola. Ontem, por volta das 18 horas, o 304 repetiu a mesma brincadeira, mas desta vez com tanta infelicidade que a arma se desparou, indo a bala atingir a irmã na cabeça. Ao ver esta prostrada, o cívico voltou a arma contra si e disparou um tiro no ouvido direito. Reclamados os socorros da Cruz Vermelha, compareceu imediatamente um auto-máca que transportou os dois feridos ao hospital de São José, onde já chegaram mortos, pelo que os cadáveres foram removidos para a Morgue, onde ainda se ignoram as suas identidades.

Eden Teatro

(Telefone Norte 280)

HOJE — ÀS 9,30 DA NOITE
PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO

da fantasia de grande espetáculo em 2 actos e 17 quadros

Pic-Nic

original de ASCENSO BARBOSA

Desempenho de todos a Companhia

ABREU e SOUSA

OTOEL DE CARVALHO

o seu direcção e encenação

Dirigido musicalmente por maestro António Lopes

Maquinismos de Santi Ferreira

Montagem eléctrica de Jodo dos Santos

Cabeleiras de Vitor Manuel

Brincos de José Guedes

Estão já à venda os bilhetes

para as primeiras récitas

4

PÁGINAS ALHEIAS

A quem aproveita o progresso?

por Georges Bastien

E' um facto incontestável que de há cinquenta anos para cá a situação material dos trabalhadores, ainda que pouco, tem melhorado.

O dia de trabalho que era de doze horas há trinta anos, foi bastante reduzido. Se as oito horas estão ainda longe de ser aplicadas integralmente, elas já só estão num número razoável de corporações. Pode-se dizer que no conjunto, a jornada de trabalho do proletariado da indústria não passa de nove horas.

A que é devido isso?

A resposta é fácil. E' porque todos os progressos técnicos desenvolveram consideravelmente os meios de produção e de transporte, por conseguinte as possibilidades de criar a riqueza, e que estes progressos têm sido sólidos unicamente aproveitados pela burguesia.

Os patrões podem facilmente melhorar a situação dos seus explorados, reduzir a jornada de trabalho dum terço, e aumentar, por exemplo, o seu bem estar também dum terço. Ao mesmo tempo que eles se têm deixado arrancar estas melhorias, a técnica tem de forma aproveitado as experiências, descobertas, invenções e simplificações, que onde eram precisos três operários trabalhando doze horas para uma dada produção, basta hoje só um, trabalhando oito horas.

Todas as indústrias evoluíram neste sentido. Na metalurgia e na indústria têxtil principalmente os progressos são fantásticos. Nos teares e fiação, vê-se corrente vez mais — do que os operários podiam fazer antes da introdução dos maquinismos.

O trabalho em séries nas oficinas metálicas? E a introdução do maquinismo nas tipografias? Os exemplares encheriam um livro, só trazendo um resumo rápido dos efeitos do maquinismo em todos os ramos de indústria.

A construção civil e a agricultura tem sido mais lentas a acompanhar esta evolução, mas também entraram na causa do progresso, vendo marchando a passadas largas.

Se se pudesse estabelecer exactamente a multiplicação da potência da produção por trabalhador válido sobre o que era há duas ou três gerações, ficar-se-ia deslumbrado. E se, por outro lado, se calculasse exactamente o que representa a melhoria da sorte dos pobres, compreender-se-ia bem depressa que as reformas realizadas não custaram grande coisa aos senhores. Se a técnica moderna permitiu multiplicar por cinco as riquezas produzidas, deu-se talvez uma parte das reformas sociais, mas ficaram quatro nas mãos dos priviligiados.

Isto é uma verdade muito importante, que seria útil estabelecer, ante de tecer coroas ao espírito de filantropia dos burgueses.

Não! Eles não fizeram nenhuma concessão aos trabalhadores. Teriam preferido certamente guardar tudo para si. Mas o que eles abandonaram não é senão uma bem minoria fração do que conservaram.

Não sómamente acambararam todas as riquezas naturais da terra, monopolizando o fruto do trabalho da espécie humana, mas ainda delém esta outra riqueza de primeira ordem: o progresso. Eles só tiram deles todos os benefícios.

E contudo, não são — salvo algumas raras exceções — os burgueses, quem transformou a técnica moderna. Foi entre os que trabalham, que germinaram todas as ideias de progresso. O senhor, em geral, não sabe senão gosar, e não pensar.

Os reformistas pretendem transformar a sociedade por pequenas e lentas etapas. Que ilusão! O capitalismo reforça-se sempre, mesmo cedendo em certas "reformas". Mais um século como o período desse cemitério, e o sindicalismo em todos os países pelos seus métodos de ação directa, tem conseguido, mais resultados para os trabalhadores do que séculos de ação polífica.

Falar de boa vontade dos exploradores é irrisório, quando todos os dias somos testemunhas dos esforços inauditos que têm de fazer os desgraçados para melhorarem a sua sorte. E' hora de dúvida, que se nunca tivessem havido reclamações nem lutas, os priviligiados teriam cincinamente deixado os operários na mesma situação, em que se encontravam os seus antepassados...

Pois que houve reformas, melhoria é inegável. Mas o que é mais certo ainda, é que tem sido o resultado de batalhas travadas pelo proletariado organizado.

Estas melhorias não têm contudo custado caro aos exploradores. Elas não lhes tem impedido de engrossar os seus montes de milhões, de levarem uma vida cada vez mais luxuosa, de representarem de grandes senhores em proporções que pareceriam fantásticas aos seus iguais de algumas décadas.

Se o trabalhador viu melhorar a sua situação, suponhamos de 50%, a dos patrões, grandes negociantes e financeiros sofreu uma progressão muito mais formidável.

Guardadas as proporções do custo da vida, pode-se dizer que as castas privilegiadas viram, no mesmo espaço de tempo, o seu ideal de emancipação, de bem estar e de liberdade.

cinco, dez vezes mais elevados. Inútil demonstrá-lo mais amplamente. Um olhar sóbre a sociedade vos convencerá imediatamente.

A que é devido isso?

A resposta é fácil. E' porque todos os progressos técnicos desenvolveram consideravelmente os meios de produção e de transporte, por conseguinte as possibilidades de criar a riqueza, e que estes progressos têm sido sólidos unicamente aproveitados pela burguesia.

Os patrões podem facilmente melhorar a

situação dos seus explorados, reduzir a

jornada de trabalho dum terço, e aumentar,

por exemplo, o seu bem estar também dum

terço. Ao mesmo tempo que eles se têm

deixado arrancar estas melhorias, a técnica

tem de forma aproveitado as experiências,

descobertas, invenções e simplificações,

que onde eram precisos três operários

trabalhando doze horas para uma dada pro-

dução, basta hoje só um, trabalhando oito

horas.

Todas as indústrias evoluíram neste

sentido. Na metalurgia e na indústria têxtil

principalmente os progressos são fantásti-

cicos. Nos teares e fiação, vê-se corrente

vez mais — do que os operários podiam

fazer antes da introdução dos maquinismos.

O trabalho em séries nas oficinas metá-

licas? E a introdução do maquinismo nas

tipografias? Os exemplares encheriam

um livro, só trazendo um resumo rápido

dos efeitos do maquinismo em todos os

ramos de indústria.

Ao mesmo tempo que eles se têm

deixado arrancar estas melhorias, a técnica

tem de forma aproveitado as experiências,

descobertas, invenções e simplificações,

que onde eram precisos três operários

trabalhando doze horas para uma dada pro-

dução, basta hoje só um, trabalhando oito

horas.

Todas as indústrias evoluíram neste

sentido. Na metalurgia e na indústria têxtil

principalmente os progressos são fantásti-

cicos. Nos teares e fiação, vê-se corrente

vez mais — do que os operários podiam

fazer antes da introdução dos maquinismos.

O trabalho em séries nas oficinas metá-

licas? E a introdução do maquinismo nas

tipografias? Os exemplares encheriam

um livro, só trazendo um resumo rápido

dos efeitos do maquinismo em todos os

ramos de indústria.

Ao mesmo tempo que eles se têm

deixado arrancar estas melhorias, a técnica

tem de forma aproveitado as experiências,

descobertas, invenções e simplificações,

que onde eram precisos três operários

trabalhando doze horas para uma dada pro-

dução, basta hoje só um, trabalhando oito

horas.

Todas as indústrias evoluíram neste

sentido. Na metalurgia e na indústria têxtil

principalmente os progressos são fantásti-

cicos. Nos teares e fiação, vê-se corrente

vez mais — do que os operários podiam

fazer antes da introdução dos maquinismos.

O trabalho em séries nas oficinas metá-

licas? E a introdução do maquinismo nas

tipografias? Os exemplares encheriam

um livro, só trazendo um resumo rápido

dos efeitos do maquinismo em todos os

ramos de indústria.

Ao mesmo tempo que eles se têm

deixado arrancar estas melhorias, a técnica

MARCO POSTAL

Colombia—Agente—Recebida liquidação.
Tavira—Agente—Recebida liquidação.
Portugal—Francisco Antonio Pescaria—Recebemos cartas com 350 mil subscritores a que se subscritem os restantes, nem onde essa localidade de.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE JANEIRO

D.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	5	12	19	26	Aparece às 7,49
T.	6	13	20	27	Desaparece às 17,32
Q.	7	14	21	28	FASES DA LUA
Q.	1	8	15	22	Q. C. dia 5 a 9,00
S.	2	9	16	23	Q. M. 10 a 10,11
S.	3	10	17	24	L. N. 11 a 11,16

MARES DE HOJE

Praiamar às 6,46 e às 7,10
Baixamar às ... e às 0,16

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Londres, os dias de vista	9,50	9,50
Londres, cheque	9,50	10,00
Paris	12,11	12,50
San Francisco	4,00	4,00
Bulgária	1,90	1,90
Itália	2,83	2,83
Holanda	2,84	2,84
Madrid	2,84	2,84
New-York	2,85	2,85
Brasil	2,86	2,87
Noruega	2,87	2,87
Spanha	2,88	2,88
Dinamarca	2,88	2,88
Fraga	2,89	2,89
Buenos Aires	2,90	2,90
Viena (1000 coroas)	2,91	2,91
Reinmarchus ouro	2,92	2,92
Agio do ouro %	2,93	2,93
Liras euro	11,50	11,50

ESPECTÁCULOS

TEATROS
São Carlos—A's 21—Thais.
São Luís—A's 21—A Dança das Libélulas.
Nacional—A's 21,30—Dicks.
Teatro São Carlos—A's 21—Greve Geral.
Espanha—A's 21,22—Paris-Monte Carlo.
Ipólo—A's 21,22—O Amor de Perdição.
Edu—A's 21,22—Pic-nic.
Mari Vitoria—A's 20,21 e 22,23—As Onze Mil Virgens.
Coliseu dos Recreios—A's 21—Companhia de circo.
Matosinhos 15.
Século V—A's 20,21—Variedades.
Círculo Vicente (A Graça)—A's 21—O Cabo Simões.
Espanha Parque—Todas as noites—Concertos e divertimentos.

CINEMAS

Olimpia—Chiado Terrasse—Salão Central—Cinema
Côde—São Lourenço—São Paulo—Sociedade Promotora
de Educação Popular—Cine Páris—Cine Esperança—Chantecler—Tivoli.

Dentes artificiais

Importação directa
Muito mais baratos, colocados a
aperto à mastigação, sem despejo de
extração e consertado
BERNARDINO NUNES
Rua da Palma, 40, 1º.

PURGAÇÕES

Cura rápida e radical com a GONOSINA
Único específico que não causa apertos de uretra
FARMACIA OLIVEIRA — 238, Rua da Prata, 240

CALÇADO
MAIS BARATO QUE UM GASPIADO
Botas e sapatos para homem, senhora e
criança em todos os tamanhos e qualidades.
Todos os operários devem preferir esta
escola.

Sapataria Brasil

Rua da Madalena, 206 a 212
Mais barato que um gaspiado

Menstruação

Aparece rapidamente
tomando o
FERREOL
Caixa 15\$00. Pelo Correio 16\$00
R. da Escola Politécnica 16 e 18
LISBOA

A estas palavras, os familiares de Ludwig, dos quais alguns deles se tinham sentado apertando as ilhargas e sufocando-se de riso, levantaram-se e correram para a porta a fim de cumprimentarem a rainha na sua entrada.

Ludwig, estendido no seu leito de repouso, continuava a rir e gritava ao idiota:

—Dansa mais, brutal! continua a dansar! tu merecias ser pesado a oiro! Nunca me diverti tanto!

—Senhor rei, ai vem a rainha, disse um dos cortezãos levando Branca atravessar a sala próxima e encaminhar-se para a porta.

Este abrindo-se, tocouva quase na aba dum grande mesa, coberta dum explêndido tapete do oriente, o qual arrastava pelo chão. Yvo, o brutal, continuando os seus pulos, aproximou-se pouco a pouco desta mesa e não podia ser visto pelo rei em consequência do doce do leito de repouso onde ele se achava estendido; os cortezãos, enfileirados nas proximidades da porta, a fim de saír a rainha, também voltavam as costas à mesa, deixaíndo da qual Yvo se escondeu ligeiramente no momento em que os senhores se inclinavam na presença de Branca.

A rainha correspondeu a estas saudações, e dirigindo-se a Ludwig, que continuava rindo e gritando:

—O! brutal! onde estás tu? anda para aqui que eu quero ver as tuas cabriolas... Emudeceste, tu que ladras e mias tam bem?

O meu querido Ludwig está muito alegre esta manhã, disse Branca com voz meiga, aproximando-se do leito de seu marido. De que procede a alegria do meu querido esposo?

—De ver o idiota, que creio seria capaz de fazer um desfunto com as suas cabriolas. O' brutal! veni cá, miserável! alias mando-te quebrar os ossos!

—Senhor rei, disse um dos familiares depois de ter procurado Yvo com o olhar, o bruto talvez fugisse no momento em que se abriu a porta para dar passagem a rainha.

—Que o procurem; ele não pode estar longe! exclamou

Valério, Gópes & Ferreira, L.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fundos para caldeiras,
— guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

84, R. DO IMPAR, 86—LISBOA — TELE 1.930. N. grama, FERRAGENS



CALENDARIO DE JANEIRO

D. 4 11 18 25 HOJE O SOL
S. 5 12 19 26 Aparece às 7,49
T. 6 13 20 27 Desaparece às 17,32

Q. 7 14 21 28 FASES DA LUA
Q. 1 8 15 22 29 Q. C. dia 5 a 9,00
S. 2 9 16 23 30 Q. M. 10 a 10,11
S. 3 10 17 24 31 L. N. 11 a 11,16

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1.400.000

1

A BATALHA

O INQUÉRITO DE "A BATALHA"

Continua a atestar a incapacidade administrativa do Estado, a incuria dos Municípios e o espirito egoista dos detentores da terra e dos instrumentos de trabalho

Mais uma vez voltamos a pedir aos sindicatos que ainda não responderam ao nosso inquérito, que o façam com a maior brevidade. Não pode ser, de nenhum modo, adiado o encerramento deste inquérito. As respostas que vierem tarde ou que não mais se recebam, farão com que ele se encerre incompleto.

Rurais de Borba

Do sindicato dos rurais de Borba recebeu-se a seguinte comunicação:

Trabalhos por conta do Estado:

1.º Conclusão da estrada distrital de Almodôvar, da qual se encontram concluídos apenas 30 quilómetros.

2.º Conclusão da estrada distrital de Troia (Setúbal) da qual faltam construir 30 quilómetros.

3.º Obrigar todos os proprietários das casas devolutas a alugá-las.

Trabalhos por conta do Município:

1.º Concerto das estradas que vão de Borba à Vila Viçosa, a Elvas e a Extremoz.

2.º Construção de bairros operários.

3.º Obrigar todos os proprietários das casas devolutas a alugá-las.

Trabalhos por conta do Município:

1.º Concerto da estrada que vai de Borba à freguesia da Amada.

2.º Construção dum pante na praça onde se faz o mercado.

3.º Construção de irinios e sentinelas.

Barquinha

Por não existir na Barquinha organização operária é dum nosso camarada a resposta que a seguir publicamos:

Trabalhos por conta do Município:

1.º Construção de canos de exógo.

2.º Reparação do chafariz da Barca.

3.º Iluminação eléctrica da vila. Está actualmente às escasas, pois os candeeiros de petróleo não são acessos.

4.º Construção dum fossa no Paul para se vazarem os dejectos, evitando assim que

INTERESSES DE CLASSE

FESTAS ASSOCIAUTIVAS

S. U. da C. C. do Porto

Decorreram, por entre grande entusiasmo, as festas comemorativas do 5.º aniversário do Sindicato Único da Construção Civil do Porto.

António Inácio Martins, pouco depois das 20 horas, abriu a sessão comemorativa. Narrou o que tem sido a vida do sindicato e apelou para todos os operários a fim de que ingressem no sindicato e que colaborem estreitamente com ele. Depois de fazer várias afirmações de carácter ideológico convocou a presidir à sessão Mário Teixeira de Carvalho representante da C. G. T., criando: José Gomes, da Federação da Construção Civil e Maria, Júlia de Almeida, do Núcleo de Juventude Sindicista de Lisboa.

Teixeira de Carvalho produziu um interessante discurso salientando com larga argumentação o valor do sindicalismo revolucionário.

Sául de Sousa enalteceu a solidariedade, descrevendo as suas vantagens nas lutas sociais.

Crítica com energia todos os partidos políticos, acentuando que mesmo os que se envolvem sob as mais vermelhas etiquetas, são inimigos dos objectivos revolucionários da organização operária. Terminou as suas considerações numa vibrante apologia do idealismo revolucionário.

José R. Dias evoca os movimentos realizados pela construção civil no Porto e para todos os operários a fim de que estes fortifiquem os seus organismos de luta.

Margarida de Barros, em nome do grupo anarquista feminino Luísa Michel, sauda os operários da construção civil, fazendo um curto mas entusiástico discurso de propaganda libertária.

José Gomes pronuncia um interessante discurso de propaganda sindicalista.

José Inácio Martins e Vaz Osório recitam várias poesias revolucionárias.

Maria Júlia de Almeida refere-se largamente às juventudes sindicais acentuando o valor do papel que elas desempenham. Apela para os operários a fim de que não impeçam os seus filhos de ingressarem nas juventudes sindicais.

Falaram ainda Gilberto Barros pela secção da construção civil da Juventude Sindicista, João Fernandes pela secção dos Empregados de Café e Restaurantes, Manuel Torres pela secção metalúrgica, Joaquim Giro pelos texteis de Gaia, Pedro de Sousa, Alvaro Piñeiro, Jaime Vidal, dos "chaufeurs" do Norte, que recorda a solidariedade prestada pela construção civil na última greve dos transportes.

J. Martins pronuncia um caloroso discurso sobre instrução.

Realizou-se depois um interessante espetáculo social que decorreu muito animado.

Associação dos Caixeiros de Lisboa

Continuam amanhã as festas comemorativas do seu aniversário realizando-as às 21 horas o dr. Leonardo Coimbra uma conferência sobre o tema: "O problema da felicidade humana". Segue-se um espectáculo pelos alunos da Escola da Arte de Representar Aranjo Pereira e um concerto de piano pelo ilustre pianista sr. Ostélio Salgado, assim como um concerto de "jazz-band".

Questão dos Fósforos e Tabacos

O comício de amanhã

No grande salão da Voz do Operário, rua da Infância, à Graça, realiza-se amanhã, às 2 horas da tarde, o comício em defesa dos operários manipuladores de tabaco e fósforos, de Lisboa e Porto, e empregados das respectivas companhias.

Trata-se de discutir a proposta do ministro das Finanças sobre o monopólio dos fósforos e tabaco, assunto que interessa também aos consumidores e a todos os contribuintes.

Também este Secretariado esteve na Caide do Limoiro onde falou com os preços sociais sobre assuntos que lhe dizem respeito.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Este Secretariado esteve ontem no ministro do interior, conferenciando com o chefe do gabinete do ministro a quem entregou um protesto do povo de Benavila, em consequência de os reacionários daquela localidade quererem, no próximo dia 20, realizar ali uma procissão e que a conseguiram o seu fim, para o qual teve o concurso do delegado do governo, que para tal diz, fazer-se acompanhar, de grande número de guardas republicanos o que ocasionaria certamente alteração da ordem naquela localidade. A fim de evitar algum desacato aquela entidade ficou de comunicar o facto ao ministro do interior.

Também sobre a situação dos preços sociais que se encontram em Lubango o Secretariado avistou-se com as entidades a quem o caso está afecto ficando muito brevemente de obter uma decisiva resposta sobre o assunto.

Também este Secretariado esteve na Caide do Limoiro onde falou com os preços sociais sobre assuntos que lhe dizem respeito.

Leide o Suplemento de A Batalha

A União Fabril em foco O pessoal reivindica o horário de trabalho

Deu á stampa, há dias, A Batalha, a noticia do golpe que a Companhia União Fabril pretende dar nos salários do pessoal ao seu serviço, na Fábrica Aliança, ali na ruia 24 de Julho.

O nosso informador, muito do fôrmo intimo do movimento daquele estabelecimento, prometeu completar os seus informes, quando lhe fôsse possível.

Mercê da sua nova visita a esta redacção pode hoje o leitor conhecer o que vai pela Aliança, no que respeita à situação do pessoal.

Diga-nos, perguntámos ao nosso entrevistado, como se encontra o pessoal, pois sabemos haver feito uma reclamação?

Já vão decorridos três meses, salvo erro, que uma comissão do mesmo apresentou à gerência uma reclamação que é justissimo destacar.

Trata-se da consolidação do horário de trabalho, que subrepeticamente a referida gerência anulou.

Calcule, que segundo o seu estreito critério, não é possível conhecer-se se o pessoal tem essa regalia.

Como assim? — atalhámos.

A empresa, chamamos-lhe assim, criou o salário-base, conseguindo, por este processo, iludir o próprio pessoal.

O salário-base tem por fim forçar o operário a trabalhar um ilimitado número de horas para auferir um maior salário.

"Tomamos por base, que o operário em 8 horas devia auferir 16\$00, representando, por consequência, 2500 por hora. As duas primeiras horas, depois daquelas, segundo a lei, seriam acrescidas de 50 p. c., e as restantes a dobrar. A empresa, porém, se o operário proporcionalmente ganhar os referidos dois escudos só os respeita quando ele completa diariamente 8 horas. Se fizer menos horas já não recebe essa proporcionalidade, mas uma outra inferior.

De forma que se o operário conseguir consolidar o horário, conseguirá igualmente alcançar um maior salário...

E' precisamente esse o principal objectivo do movimento do pessoal, segundo já o depreendeu a um dos membros da comissão de melhoramentos.

E' verdade que o pessoal tem, acrescido do salário-base, uma subvenção, representando de tal forma uma trapalhada que é difícil fazê-la compreender dum simples jacto.

"Mas também o que é axiomático, é que o operariado da Aliança não quer conformar-se com a subvenção, que considera uma estola.

Quere que lhe seja pago como o presidente a lei sobre horário de trabalho, acatando, no entanto, a realização de horas suplementares quando o trabalho o exija, mas pagas como o estabelece a própria lei.

E' note que a reclamação do pessoal está dentro do espírito da lei, que a gerência tanto se tufa de respeitar.

— Mas como ficarão os salários?

Haverá maior possibilidade de poder fixá-lo, uma vez que essa fixação da subvenção e do salário-base desapareça, vencendo um salário fixo sem as mutações que lhe provoca o já estafado salário-base.

E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.

— E' que a reclamação do pessoal está dentro do espírito da lei, que a gerência tanto se tufa de respeitar.

— Haverá maior possibilidade de poder fixá-lo, uma vez que essa fixação da subvenção e do salário-base desapareça, vencendo um salário fixo sem as mutações que lhe provoca o já estafado salário-base.

E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.

— E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.

— E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.

— E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.

— E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.

— E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.

— E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.

— E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.

— E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.

— E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.

— E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.

— E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.

— E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.

— E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.

— E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.

— E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.

— E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.

— E' o pessoal saberá concluir-se dignamente a impôr a sua vontade?

— Isso é dos meandros da acção do pessoal, que meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afigurando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaro-nos a este ifeito.